
Programas de educação pelo esporte: qual formação está em jogo?

Prof. Dr. Marcos Garcia Neira

Licenciado em Educação Física e Pedagogia ; Mestrado, doutorado e pós-doutorado em Educação ; Docente da Faculdade de Educação da USP.

Resumo

O esporte, enquanto fenômeno cultural multifacetado, foi transformado por determinados setores da sociedade capitalista pós-industrial em produto de consumo, meio de promoção social e instrumento de educação. Os grupos interessados na formação para uma certa cidadania, recorrem a instituições sociais governamentais ou não, para organizar programas que divulgam o potencial educativo do esporte e alentam suas qualidades pedagógicas e sua dimensão socializadora. Este breve ensaio, denuncia os equívocos dos pressupostos que fundamentam tais iniciativas e questiona seu potencial formativo, a partir do confronto do discurso do senso comum que relaciona educação e esporte, com exemplos extraídos do cotidiano e conceitos da sociologia, pedagogia e filosofia.

Palavras-chave: Esporte – Educação – Cidadania

Abstract

The sport, as a multifaceted cultural phenomenon, was altered by certain sections of the post-industrial capitalist society in product to be consumed, a way for social promotion and education instrument. Groups interested in educate for a specific type of citizenship, manipulate both, governmental and non-governmental social institutions, in order to organize programs that advertise the educational potential of the sports highlighting its pedagogical qualities and its possibilities for socialization. This short essay denounce the incorrect presumptions which endorse those actions and questions its educative potential confronting the discourse from the common sense which relates education and sport, with examples extracted from the ordinary life, sociology concepts, pedagogy and philosophy.

Key-words: Sport – Education – Citizenship

A euforia causada por eventos como os Jogos Olímpicos, Panamericanos ou a Copa do Mundo de Futebol parece lembrar às nossas autoridades a existência do esporte. No decorrer do século XX, essa manifestação cultural foi internalizada pela sociedade e influenciou enormemente nossas formas de pensar e agir. Jargões como “o importante é competir”, “esporte é saúde”, “o esporte educa”, repetidos à exaustão, deixaram ao senso comum, a impressão de que a superação de alguns dos problemas que atingem a sociedade poderá ser alcançada por meio da prática e da educação esportiva, o que faz manter, quase sempre, a população embriagada por tal discurso alienante à moda dos períodos ditatoriais dos quais não temos saudade.

Dois recentes acontecimentos elucidam as contradições que a melhor maquiagem não conseguiria esconder: as suspeitas de uso indevido dos recursos destinados ao “Programa Segundo Tempo” do Ministério do Esporte¹ e a recente denúncia do Tribunal de Contas da União sobre o emprego inconstitucional das verbas². Tais fatos, em linhas gerais, revelam as contradições e falta de políticas adequadas para o setor. Contrariando os discursos e posicionamentos oficiais, ao destinar o maior contingente de verbas para o alto nível e confundir esporte educacional com esporte escolar, nossos dirigentes confundem princípios e revelam um profundo desconhecimento da realidade brasileira.

Todos conhecemos muitas histórias de meninos pobres que conquistaram fama e fortuna às custas do seu talento esportivo. Em algum momento da vida, quisemos ser como eles, estar no lugar deles, ser ovacionados e festejados como eles. A mídia com suas imagens, relatos e holofotes, valoriza nossos ídolos e à sua volta constrói um universo de ilusões que ofusca e cega seus espectadores. Na esteira dessas ilusões, atribui-se aos praticantes do esporte um rol de benefícios outras esferas da atuação social; credita-se, por exemplo, a internalização de comportamentos sociais positivos como a disciplina, perseverança, dedicação, cooperação, competitividade etc. Essa premissa tem justificado a inserção de atividades esportivas na escola, comumente afastadas do projeto da instituição ou, até mesmo, a implementação de programas de esporte em diversas comunidades e instituições sem o devido respeito pelo patrimônio cultural da comunidade. Em ambos os casos, o componente educacional predominante é, no limite, uma educação para o esporte. Ou seja, ao impingirem manifestações corporais alheias ao repertório local, o que se obtém é a fixação distorcida de gestos e elementos pertencentes à modalidade ensinada, sem

¹ Revista Veja, 05/03/2008.

² Folha de São Paulo, 30/09/2008.

qualquer relação com o lastro cultural dos grupos-alvo. No vácuo do processo, caminham diversas iniciativas governamentais ou não, a mídia, as empresas patrocinadoras etc.

Inúmeros programas pretendem o alcance de objetivos sociais bem mais amplos (diminuir a criminalidade, retirar o jovem das ruas, educar para a vida) através do ensino e da prática de esportes. A divulgação desses ideais nos meios de comunicação de massa espalha aos quatro ventos os efeitos miraculosos do esporte a serviço de uma formação cidadã humanitária. Lamentamos, porém, que a premissa que sustenta o discurso não resista a uma postura crítica e, mesmo os casos mais famosos, capitulariam diante de um confronto com os inúmeros contra-exemplos.

Acostumamo-nos a ouvir e repetir as benesses da prática esportiva, sobretudo quando tais projetos se encontram mais compromissados com a promoção pessoal dos seus padrinhos do que com as transformações sociais que eles realmente possam desencadear. Piorando esse quadro, a implantação de tais iniciativas se dá prioritariamente nas comunidades carentes do ponto de vista sócio-econômico e, porque não dizer, abandonadas pelo poder público. Tal procedimento nos faz relembrar das análises que classificaram o esporte como forma de alienação, ou seja, enquanto as pessoas pertencentes a esses grupos sociais se mantiverem em movimento, terão a impressão que algo está sendo feito por elas e disporão de menor poder reflexivo para identificar as injustiças que as vitimaram, estas sim, verdadeiras causadoras de sua carência. Assim, disfarçados em projetos redentores (na escola, nos parques, nos bairros), as empreitadas, oficiais ou não, distraem, ocupam, divertem e cultuam o sonho que bem poucos atingirão. Sonhos que normalmente podem ser traduzidos por retorno financeiro individual e fama, sem qualquer correspondência com aqueles objetivos educacionais e sociais mais amplos expressados nas cartas de intenções inicialmente apresentadas.

Contudo, quando esse dia chega e, insistimos, chega apenas para pouquíssimos, assistimos na televisão o retorno do filho à comunidade, ouvimos sua triste e emocionante história de luta e quase abafamos nossa consciência, responsabilizando pelo fracasso as próprias vítimas, afinal, milhares lá estiveram, foi-lhes dada “a mesma oportunidade”, se não conseguiram sucesso, foi pela falta de talento ou dedicação. Consolados, repetimos no íntimo da nossa consciência: tiveram a chance mas não souberam aproveitá-la. A festa de um dia conforta o coração da minoria que não precisa do esporte para vencer na vida, afinal, possui condições privilegiadas já na saída, traduzidas em oportunidades de escolarização, acesso aos bens culturais, segurança, recursos materiais etc. Por esse “circuito perverso”, que

beneficia os eleitos e prejudica os subalternizados, o processo histórico de alienação se perpetua.

Essas idéias não são nossas. Têm sido debatidas, principalmente nos grupos de professores e pesquisadores da Educação Física escolar, da Sociologia do Esporte e da Mídia e Educação Física existentes em diversas universidades brasileiras, nas escolas de Educação Básica, nos Congressos e vêm sendo amplamente veiculadas pela literatura especializada. As críticas proferidas aos programas de educação pelo esporte geram um ambiente de desconforto entre aqueles que cultuam a falsa consciência de que o simples acesso à prática, por si só, garantirá uma formação cidadã às milhares crianças e jovens representantes das comunidades socialmente aliadas de sólidas e concretas experiências educacionais. Sem pretender descaracterizar o componente formativo do esporte, em sentido contrário, as vozes dissonantes e contrárias ao discurso alentado lançam a todo momento, a seguinte questão: “Qual formação está em jogo?”

Estudando a temática há alguns anos, constatamos a ingenuidade do entendimento linear entre a prática de qualquer modalidade e a formação para a cidadania plena, aqui entendida como preparação para o trânsito, compreensão e transformação da vida pública em uma sociedade democrática. Para isso, basta mencionar que nem sempre os atletas profissionais, exemplos de excelência em sua atividade, possuem qualidades demonstradas nas arenas esportivas, diretamente transferíveis aos ambientes externos às pistas, piscinas, ringues, quadras ou campos. Contrariando o senso comum, é possível afirmar que o sucesso no esporte, obrigatoriamente, impede que valores socialmente desejáveis como respeito mútuo, ética, não discriminação, companheirismo, comportamento democrático, altruísmo e humildade sejam semeados nos campos de treinamento e competição. Quantas manifestações de aceitação e ajuda já presenciamos nas competições? Quando vimos, em algum programa de televisão esportivo, a exaltação ao esforço e dedicação de quem chegou em segundo, de quem foi derrotado? Temos conhecimento da história de vida daqueles que não venceram ou preocupamo-nos simplesmente em conhecer e exaltar os campeões? Quantas vezes já presenciamos brigas, perdas de controle e até cenas de violência protagonizadas pelos participantes?

Lembramos também que uma grande parcela dos esportistas termina por abandonar a prática precocemente. Se isso ocorre, podemos pensar, dá-se em consequência da peculiaridade excludente dessa manifestação da cultura humana que, paulatinamente, convida a maior parte dos seus praticantes a afastar-se. Se a natureza do esporte é excluir, será possível entendê-lo como fator educativo? Ao

constatar esse paradoxo, somos levados obrigatoriamente a refletir sobre a presença tão intensa no imaginário social dos vínculos entre esporte e educação.

Observemos mais cuidadosamente esse fenômeno com a ajuda de Norbert Elias (1990). É fácil perceber que valores como perseverança, esforço individual, talento pessoal, competitividade, superação de limites e comportamento arrojado, se encontram presentes em quase todas as modalidades. Não seriam esses, justamente, os valores cultuados pela sociedade capitalista? No século XX, afirma Elias, assistimos a ascensão dessas duas forças. Por um lado, o capitalismo selvagem e, por outro, um dos seus poderosos braços ideológicos, o esporte. No alto rendimento, embora o homem não seja substituído pela máquina, torna-se ele próprio uma máquina, cujo único sentido é a melhoria da performance. Mais recentemente, sob os auspícios do pós-modernismo, essa mesma performance, transfigurada em estética veiculada pelos meios de comunicação, passou a promover o acúmulo de dividendos mercantis universalmente conhecidos. Os motivos desse fenômeno não estão no desenvolvimento do esporte em si, mas no próprio desenvolvimento das sociedades atuais, onde o consumo e o sucesso, transfiguraram-se no princípio basilar de todas as ações. E outras palavras, coisificaram-se os atletas. Veja-se, por exemplo, os valores de compra e venda ou os inúmeros papéis que assumem as personalidades do esporte na publicidade de artigos de todos os tipos.

Reconhecemos os valores éticos que objetivamente são transmitidos aos praticantes do esporte, contudo, é quase impossível dissociar a prática esportiva *stricto sensu*, de toda a subjetividade que circula nos espaços onde essa manifestação corporal deveria primar pelo componente lúdico, celebração, transmissão e reconstrução da cultura.

No tocante à educação, diversos estudos alertam que as formas tradicionais de ensino do esporte têm inculcado nos educandos valores nocivos à sociedade, contribuindo para inculcar uma consciência ideologicamente falsa. Herbert Marcuse (1997) já afirmava que as instâncias geradoras das ideologias da dominação conseguem formatar nos indivíduos uma “segunda natureza”, constituída de interesses, desejos e necessidades que não são mais resultado da natureza individual ou social de cada um, mas são “formados” pelas agências ideológicas. Assim, os aspectos que devem ser criticamente questionados são aqueles que transformaram a prática esportiva em uma dessas agências: o rendimento a qualquer preço, a exclusão, o uso indiscriminado da imagem do esportista, a estrutura institucional, o comércio e seus efeitos.

Portanto, não podemos permanecer na postura ingênua que concebe a prática esportiva como responsável por efeitos positivos na formação das personalidades das nossas crianças e jovens. Ousamos afirmar: muito pelo contrário!

Edgar Morin (2002) critica o pressuposto que nos dominou por muito tempo: o controle da realidade por meio do pensamento simples ou simplificador. Infelizmente, padecemos dessa poderosa influência quando entendemos que as pessoas pertencentes às comunidades com menor poder econômico manifestam maior tendência ao ingresso no mundo do crime, das drogas e da violência. Sem atentar ao preconceito implícito nesse raciocínio, os defensores da educação pelo esporte dissimulam a alta complexidade que caracteriza a formação e desenvolvimento das atitudes humanas e, pretensiosamente, julgam-se capazes de transformar a realidade mediante o oferecimento de breves momentos em uma determinada prática esportiva.

Morin nos alerta para os riscos desse pensamento reducionista quando direcionado a fenômenos complexos (a educação, por exemplo): o desenvolvimento de comportamentos humanos deriva de uma quantidade extrema de interações e interferências entre um número muito grande de unidades que fogem em absoluto ao nosso controle. Todos conhecemos, por exemplo, casos onde dois irmãos, mesmo diante das mesmas condições de vida, de contatos sociais e de experiências educacionais, manifestam posturas radicalmente distintas.

Seguindo esse raciocínio, convém analisar qualquer iniciativa de esporte educacional. Nela, provavelmente, atuam um ou mais professores, com formações diferentes e com distintas maneiras de ver a vida e a prática esportiva. Estes educadores trazem suas próprias bagagens históricas, pessoais, culturais e familiares, possuem personalidades individuais, com seus sentimentos e desejos e dominam diferentemente uma ou mais modalidades que lhes cabe ensinar. Sem prosseguir com mais detalhes, ou variáveis, pois, são infinitas, esses seres humanos compartilham o espaço social das aulas com vinte a quarenta crianças e jovens que, por sua vez, também têm sua forma de ver a vida e o esporte e trazem para a quadra, piscina ou campo, sua própria bagagem histórica pessoal, cultural e familiar. Possuem personalidades individuais, com sentimentos e desejos específicos e dominam determinados gestos, atitudes e conhecimentos que não são necessariamente os mesmos de seus professores e colegas.

A partir dessa imagem, pensemos em todas as relações que podem acontecer nesse espaço em um dia de aula, em uma semana, em um mês... e durante um semestre. Pensemos em todas as variações contextuais que podem intervir nessas

relações, dependendo, por exemplo, dos estados de ânimo de um ou mais atores, de suas personalidades, de seus valores ou, obviamente, das experiências externas ao programa que vão colecionando.

Desenhado o quadro, embora restrito, convenhamos, é bem difícil esperar que todas as crianças e adolescentes aprendam exatamente as habilidades afetivas e sociais que seus professores de esporte pretendem ensinar.

Segundo o professor Elenor Kunz (1994), se nosso intuito é formar cidadãos, temos por obrigação, no ambiente educativo, transformar o fenômeno social do esporte numa atividade de interesse real a todos os participantes, devendo ser compreendido não somente na sua visão objetiva como também na subjetiva. Isso significa ter a capacidade de saber se colocar na situação de outros participantes; ser capaz de visualizar componentes sociais que influenciam todas as ações socioculturais no campo esportivo; saber questionar o verdadeiro sentido do esporte e, por intermédio dessa visão crítica, modificar o seu fazer tradicional.

A cidadania eleva o educando à condição de sujeito no seu processo de ensino, capacitando-o para a participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente o desenvolvimento de competências técnicas, mas também de conhecimentos e convívio com os semelhantes, tais conquistas dar-se-ão unicamente caso a prática esportiva seja, como dizia Paulo Freire (1997), permeada pela problematização das situações vividas com um constante incitamento ao diálogo para o encontro de soluções verdadeiramente democráticas.

Referências

- ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Editora Unijuí, 1994.
- MARCUSE, H. *Cultura e sociedade*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MORIN, E. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 2002.

Data de recebimento: 02 /02//09

Data de aceite: 26/02/09

Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#).



You are free: to copy, distribute and transmit the work; to adapt the work.

You must attribute the work in the manner specified by the author or licensor